
FILIMONE MEIGOS, A POESIA COMO PRÁTICA PROFANATÓRIA E COMO ARTE DA PARÓDIA

Ana Mafalda Leite

Período de recebimento dos textos: 04/08/2014 a 31/10/2014

Data de aceite: 10/11/2014

Resumo: A poesia produzida por Filimone Meigos nos últimos vinte anos e reunida neste livro *Mozambique meu corpus quantum* é dos exemplos mais impressionantes e mais importantes- dessa arte discursiva neo-barroca no panorama actual da poesia moçambicana

Palavras-Chave: Poesia, Filimone Meigos, poesia moçambicana.

Abstract: The poetry produced by Filimone Meigos during the last twenty years has been selected in this book *Mozambique meu corpus quantum* that is one of the most impressive and important examples of the neo-baroque discursive art in the current outlook of Mozambican poetry.

Keywords: Poetry, Filimone Meigos, Mozambican poetry.

Mozambique meu corpus quantum (publicado em 2009 em Maputo pela editora Marimbique) reúne três livros do autor, reorganizados cenicamente em três actos (o primeiro acto com textos mais recentes, o segundo acto com o livro *Poema & Kalash in love*, publicado em 1994 pela Aemo, o terceiro acto com o livro *Globatinol – (antídoto) ou o Garimpeiro do Tempo?* publicado em 2002 pela imprensa universitária).

Não deixa de ser interessante ver que esta nova ordenação dos poemas anteriores feita pelo autor (quase sem alterações, verifiquei e comparei os actuais textos com os dos livros editados) nos mostre quase bizarramente, que eles no seu estilo (à falta de melhor palavra para já) são contemporâneos uns dos outros no espaço de quinze anos. Um leitor desavisado que não tenha em conta as datas atrás referidas e não conheça os livros anteriores de Filimone provavelmente não se vai aperceber da cronologia. Digamos que isto é sintomático de uma estratégia de escrita em que há uma constância e maturidade de temas, de obsessões e de práticas, que se mantêm desde a sua primeira prestação em livro.

Por outro lado o autor propositadamente embaralhou os tempos e colocou no meio do livro actual *Mozambique meu corpus quantum*, como segunda cena o primeiro livro. Esta proposta de encenação em actos da sua própria escrita permite-lhe o dinamismo de uma vocalidade sempre presente no acto de leitura/e tomada da palavra pelo leitor. E nesta linha de ideias o primeiro acto permite várias leituras, uma horizontal, os títulos/frases a negrito que correm de página a página e outra vertical, poema a poema. Os versos a negrito que encabeçam os poemas funcionam à maneira de motes, ou de afirmações supostamente demonstráveis pelo corpo do texto subsequente, permitem glosas intermináveis.

O processo de leitura deste Primeiro Acto torna-se assim perturbante, mas também muito lúdico, num movimento ondeado de construção e desconstrução dos sentidos. Nos dois outros actos do livro são recorrentes, de diversos modos, estas práticas desconstrutivas da significação.

Mas quais são os temas, significações, propostas pela poesia de Filimone Meigos? O Segundo Acto, que foi o primeiro, instituiu uma transgressão na proposta de transformação de uma escrita militante, a poesia da guerra, transformando a arma, kalash, em amor, in love. Ou seja, este poeta, que foi militar, desconstrói as propostas da poesia da vitória, reprocessa o acto de escrita, dramatizando-o em dimensão também lírica. POEMA&KALASH IN LOVE “O ser-me a arma e o amor: MISCELÂNEA/o beijo e o abraço e o desdém: AQUI ME TÊM./Onde as minhas lágrimas te forem doces, é por aí/onde deves andar. Corre o pano pronto”(135).

São recorrentes nos três actos outros temas como a meditação sobre a identidade cultural moçambicana, sobre a modernidade, sobre o tempo (o antes e o agora e o futuro tendo em conta a experiência colonial), sobre as heranças literárias e intertextuais, sobre a experiência amorosa, sobre a morte e também uma permanente e fragmentária tematização da arte da escrita. De facto em vários poemas há reflexão sobre os intuítos da poética do autor. Conjugando a filosofia e as ciências sociais à poesia, o discurso de Filimone é um questionamento onírico da contemporaneidade e da ancestralidade, uma meditação dramatizada, crítica, e encenada, do des(conhecimento) dos diferentes poderes, locais, sociais, políticos, imperiais, globais.

Porque o seu discurso enfaixa, em processo de quase contra-discurso, várias linguagens de diferentes áreas do saber, e de diferentes referências literárias e linguísticas, é difícil a apreensão desta poesia, o seu texto é de fruição como diria Roland Barthes, e não de prazer, obriga o leitor a ruminar, a

parar, a pensar. É uma escrita em trança que volumetriza várias áreas do conhecimento e da literatura em caldeicópica mistura, e a dificuldade reside na constante estratégia de desconstrução do sentido avançado pelo texto, que não se mostra arrumado, mas em processo de baralhão, como num jogo, tal como o poeta diz e escreve:

“Aqui acabo./Desembaralho! Desembaralhem as palavras/amadurecidas/ e joguem-nas ao vento; Multipliquem-nas. Desinfectem-nas/ As palavras não precisam de dopping [...]”(48) “Direi que a poesia difere das academias exactamente naquilo que a/academia detesta: muitas entradas e muitas saídas. Tendo/(pretensamente) que esta viagem tem muitas/ entradas e múltiplas saídas assumo que isso é poesia,/sinónimo de heresia: (fantasia, anestesia: poesis).”(155) “Fantástico, somenos as palavras, elas por si centrífugas/ científicas, biunívocas, paracientíficas e unívocas/ elas mesmo escritas reescritas, dizendo e ressalvando/contra os anti, pró os pós e os néos/sombra do que falam são elas mesmas/meticulosamente medidas na penumbra do real “(63)

Na poesia de Filimone a modernidade é uma espécie de *zapping* entre vários tempos e culturas que se cruzam, enquadrando-se nas suas diferencialidades e questionando identidades. Diz-nos o poeta: “sou como todos, um gajo/ arreigado ao que me vão ensinando, embora apegado à/ mudança, *garimpeiro do tempo, alquimista da existência.*” (142). Essa percepção da pluralidade, leva o sujeito, que é eu e que é nós, a afirmar-se como dois e como múltiplo, uma vez que nele coexistem diferentes sujeitos e diferentes temporalidades culturais:

Na minha cosmogonia, o ser são dois, uma só existência e um duplo sentido (18) Um cavaleiro leva um cavalo, só que o cavaleiro é o/cavalo e o/cavalo é o cavaleiro, dois/num, num/dois, um mesmo/tempo, duas existências

um mesmo espaço (154) Assim a condição humana continua dúbia e com duplo sentido: pobre, porque em/termos de mercado internacional está em/desvantagem; rica porque em termos de espírito de/ mercado local está em vantagem, completamente/bivalente, díade ou dual, isto é, sim ou não!?(Não entenderam? A metáfora pode ser assim desdobrada:/de dia vou ao médico e de noite vou ao nyanga, fim da /citação).(147)

Segundo Giorgio Agamben consagrar (*sacrare*) era o termo que designava a retirada das coisas da esfera do direito humano, enquanto profanar significava, por oposição, restituí-las ao livre uso pelos homens (A,103). O verbo profanar tem em latim um significado duplo e contraditório, uma vez que designa por um lado tornar profano, por outro, sacrificar; o adjectivo *sacer* significaria tanto “augusto, consagrado aos deuses”, como “maldito, excluído da comunidade”; a ambiguidade aqui referida é por assim dizer constitutiva da operação profanatória ou da operação inversa, consagração. A profanação implica também, por seu turno uma neutralização daquilo que profana, ao desactivar os seus dispositivos do poder, restituindo-os ao uso comum. Ora o discurso de Filimone Meigos é provocatoriamente profanatório ao deslocar para um novo uso, sentidos consagrados de diferentes linguagens. A criação de um novo uso, através do seu deslocamento e desadequação é pois unicamente possível para o artista ao desactivar um velho uso, tornando-o inoperacional. O poeta ao jogar com as diferentes linguagens, retirando-lhes a sua função instrumental - académica, filosófica, antropológica, política, poética- e retirando-as dos seus contextos próprios, deixando-as emancipadas dos seus objectivos comunicativos imediatos, vai permitir a essas linguagens uma nova arrumação, que as disponibiliza para o questionamento e para a crítica, permitidas através da profanação dos seus lugares, consagrados disciplinarmente:

O que nós precisamos mesmo é de geómetras/ que tratem das arestas, tirando-lhes as medidas/para cuidar das bases e dos clandestinos vértices/ inactuais e desmedidos que são, in-pensadas/ grandezas a apequenar tudo. E os mesmos (outros)/ dirão: este já está a filosofar, isto não é poesia./Pois é, a poesia é só aquilo que cabe nas vossas/ camionetas de pequena tonelagem carregadas de/ muitos défices epistemológicos reproduzidos não sei/donde? Ou será apenas essa milimétrica rima cheia/de toneladas de nada?/ Cá para mim, o que a poesia e a filosofia têm de/comum é não o serem, saem do comum mundano / ao mesmo tempo que são fragância do real e do /onírico, represa, vento, técnica, êxodo, medida, corda/alçapão, artifício, mecanismo, gota e sedimento a ser transportado num grande camião a abarrotar/ de teoria: Moçambique é um país de comerciantes e/ compradores, à boa maneira baniane: eis a nossa fatal/ história, dualismo infiel à nossa existência: Todos os /dias eu me despeço e me revejo milagre da coligação/de todos os deuses: poesia e ciência a estruturam, a/ minha (nossa) existência, trabalho de ourives, golpe/de mestre (34-35)

A poesia de Filimone Meigos é também paródia, complementando a acção profanatória dos usos habituais da linguagem, uma vez que o sentido de *paroidous*, os cantos dos rapsodos, nos ensina que ao lado do argumento sério, eles vinham inserir uma coisa diferente e ridícula. A paródia está na dependência de um modelo pré-existente, que de sério é transformado em cómico, pela conservação dos elementos formais em que estão inseridos os conteúdos novos. Este processo de intersecção paródica de diferentes linguagens, desarticulando o sentido é uma constante na poética de Meigos:

Bebé-proveta artificialmente inseminado nasce/desfocado, confuso e sem entender muito bem/esta coisa do tempo, e cá está o problema do mito/fundador. Se fundação é artificial, rui num ápice. Se/ é própria, vai levar

algum tempo até que rua!/É isso Rui, suruma dos olhos dela, a própria Ana,/ Maria!(28)

Personagens que somos, letras saltando das/ páginas dos livros (e dos palcos), a representação/da angústia saltitando de papel em papel e de/ adereço em adereço, farsa mal gerida, em triste ser/desfraldado aos sete ventos nos quatro cantos do/ mundo (38)

O termo paródia no mundo clássico remete ainda para a esfera da técnica musical. Indicava a separação entre *melos* e *logos*; na música grega a melodia devia originalmente corresponder ao ritmo da palavra. Quando na recitação dos poemas homéricos esta conexão tradicional se rompe e os rapsodos começam a introduzir melodias, que são percebidas como discordantes, diz-se que cantam *para ten oden*, contra o canto, ou ao lado do canto, e assim a paródia designa a ruptura do nexos natural entre música e linguagem, o canto liberta-se da palavra.

Nesta perspectiva, o uso de várias línguas pode ter uma função paródica, uma vez que instaura na língua-base uma tensão e um desnivelamento sobre os quais a paródia instala a sua central eléctrica, provocando como que uma espécie de curto-circuito na lógica interna na língua. A poesia de Filimone ao recorrer a várias línguas, latim, inglês, português, chisena, changane, é paródica e mostra as várias sedimentações da cultura moçambicana, convocando diferentes legados, todos eles importantes. Leia-se nesta perspectiva o título do livro: *Mozambique meu corpus quantum*, que articula o inglês ao português e ao latim, e ao fazê-lo convoca a importância de diferentes línguas e culturas que integram também o património do país. Ou leia-se um outro poema “Na Senda de Caliban”, em que se reclamam outras tradições linguísticas e culturais, confrontando a língua

resultante da história colonial: Wapswa Muchine! Esta também é a nossa língua. Próspero (72).

O poeta está ciente da importância de todos os legados culturais e integra-os, igualmente, recusando essencialismos de qualquer ordem e está também muito atento à necessidade de pensar a modernidade e o cosmopolitismo, aliados a diferentes tradições e ao localismo. O travejamento paródico das linguagens do poder, sejam elas quais forem, da área do conhecimento, ou da política, da antropologia ou da filosofia, permitem a Filimone Meigos uma arguta consciência do presente cultural, e de suas teias e vertiginosos enredos que provocam a complexidade do Moçambique actual.

Cá está o retrato obtido por esse processo não menos/ complicado: O enquadramento. A Luz. A vertigem./ O movimento. Foletra. Scanner. Apuramento./ Autotipia. Fotómetro. Fototipia. Estampa. Offset./Transparência. O positivo e o negativo de um mesmo/ fotolito, uma mesma realidade: fotograma, velocidade/em grande angular, afinal um filme antigo, clic/arquivístico, memorial retina desse passado distante:/ Fotogrametria da nossa, muito nossa cosmopolita moçambicanidade.(26)

Se algo existe em comum nas espécies ambientalista e /capitalista é a obsessão que ambos nutrem pelo verde. [...] Ambiente e capital podem ser a mesma coisa./Ambiente é capital quando preservado./Preservar faz ambiente quando capital é a atitude./E aí estamos a falar de sincronias. Logo, de diacronias/ tal como tu e eu, o nós não existe sem o outro, o/ passado. O futuro e o presente são o vai-e-vem da/ nossa existência quase maquínica, se não fossem os/ corações que portamos e as mazelas que partilhamos. (27)

Atómicos que somos, dizer isso não será redundância,/ já que somos feitos de partículas que se chocam por definição/escrevendo os parágrafos da nossa ágrafa existência/ em constante mutação, todos os santos dias?/ Electrão,

neutrão e plutão/ não estamos em mudança, tradição reinventada/ corrida escatológica no imanente circular tempo?/No entanto, cá está a mesma cosmogonia:/ O que é já foi. Outros que fomos./ (estes que me escrevo e vocês lêem em movimento de / vai-e-vem circular, somos):/Mas quem conta, quem canta este tempo camaradas? (31)

Esta postura e actuação poética de Filimone Meigos, que alia uma prática profanatória da linguagem à paródia, ou contra-canto, mostra como a sua intervenção é diferente, mas tão inovadora, como a de alguns dos seus companheiros de geração da Charrua. Se uns optaram pela reposição da vocalidade lírica, como é o caso de Eduardo White ou Armando Artur, Meigos refaz criticamente um uso paródico da poesia para meditar sobre o seu tempo e sobre a cultura moçambicana. As especiais heranças de José Craveirinha e de Heliodoro Baptista manifestam-se na poesia do autor pela irreverência, pelo gosto pela interrogação retórica, pela dramatização da linguagem, pela dimensão reflexiva e questionante do presente histórico; no entanto há várias alusões a outros poetas moçambicanos e portugueses nos seus poemas, nomeadamente a Fernando Pessoa, inscrito na dramatização vocal e mais ou menos subliminarmente em outros versos.

Mas de forma mais abrangente podemos dizer que a sua atitude transgressiva e profanatória da linguagem se alicerça numa vertente estética neo-barroca. Na segunda metade do século XX, autores da literatura hispano-americana, entre os quais Lezama Lima, Alejo Carpentier e Severo Sarduy fundam uma nova vertente estética barroca – designada por este último de “neo-barroca” – que se afasta da concepção religiosa do barroquismo europeu. Tal reapropriação do barroco empreendida por esses escritores visa a contestação do passado colonial. O cubano Severo Sarduy define essa nova

estética como uma arte da transgressão, possibilitadora de uma outra legibilidade poética e histórica.

Virgílio de Lemos, que em 1952 produziu a folha literária Msaho, é um dos herdeiros desta tendência e teorizou-a num texto importante “O Barroco Estético” mostrando a influência desta prática transgressiva na literatura moçambicana. Diz ele que esse novo viés barroco, “como o de toda a literatura moçambicana pós-50, é puramente estético e ideológico”, pois consiste na sedução do abismo e da irreverência de imagens e linguagens, adoptando do barroquismo europeu, apenas, a vertigem, o labirinto, os espelhamentos, recursos usados como estratégias de subversão dos cânones literários impostos pela colonização.

A poesia produzida por Filimone Meigos nos últimos vinte anos e reunida neste livro *Mozambique meu corpus quantum* é dos exemplos mais impressionantes e mais importantes- dessa arte discursiva neo-barroca no panorama actual da poesia moçambicana, pela sua inovação paródico-profanatória discursiva, enquanto releitura histórica e cultural de Moçambique, *corpus quantum*, energia em movimento de si e do mundo.

Referências

MEIGOS, Filimone. **Moçambique meu corpus quantum**. Maputo: Marimbique, 2008.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. Lisboa:Cotovia, 2006.

LEMOS, Virgílio de. “O Barroco estético ou 7 enunciados e 4 variantes”.

Eroticus

mozambicanus. Panorama do Congresso Internacional “As Novas literaturas africanas

de língua portuguesa”. Lisboa: GT do Ministério da Educação para a Comemoração dos

Descobrimientos Portugueses, 1997.

SARDUY, Severo. **Barroco**. Lisboa: Vega, 1989.

SECCO, Carmen Tindó. “A apoteose da palavra e do canto: A dimensão neo-barroca da poesia de José Craveirinha”. **Via Atlântica**. nº5, 2002, p.40-51.